

JEAN VALJEAN E FABIANO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE PERSONAGENS PRINCIPAIS E ESPAÇO PRISIONAL PRESENTES NOS ROMANCES OS MISERÁVEIS (1862) E VIDAS SECAS (1938)

JEAN VALJEAN AND FABIANO: A COMPARISON BETWEEN MAIN CHARACTERS AND PRISON SPACE PRESENT IN THE NOVELS *LES MISÉRABLES* (1862) AND *BARREN LIVES* (1938)

Marco Antônio Nunes Júnior¹

 Universidade Federal de Uberlândia
marcojunior.a.n@gmail.com



Marli Cardoso dos Santos Carrijo²

 Universidade Federal de Uberlândia
marli@ufu.br



RESUMO: A personagem e o espaço configuram-se como elementos essenciais na construção de narrativas e se estabelecem, desse modo, como opções de análise para pesquisas que objetivem um aprofundamento na construção de romances e de seus desdobramentos. O presente artigo – recorte da monografia intitulada *Fabiano e Jean Valjean: entre os espaços das vidas miseráveis* (2024) – busca apresentar uma comparação entre esses elementos - as personagens e os espaços – presentes nos romances *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. As personagens que aqui tomamos como principais – Jean Valjean, em *Os miseráveis* e Fabiano, em *Vidas secas* – se mostram como Forster (1974) nos ensina, redondas ao apresentarem riqueza psicológica e ao surpreenderem os leitores com suas ações ao longo das narrativas. Ademais, os espaços que ambas as personagens permeiam lhes são essenciais em suas jornadas; nos concentraremos no espaço prisional, o qual, tanto Jean Valjean quanto Fabiano transitam ao serem presos – se trata de contextos diferentes que, no entanto, podem gerar semelhantes consequências. Foucault (2009) reflete sobre o que chama de espaços outros da sociedade – as heterotopias. Em suas reflexões, as prisões aparecem; são classificadas como heterotopias de desvio, ou seja, são lugares em que aqueles marginalizados pela sociedade, os que não se adequam aos padrões estabelecidos por ela, são sujeitos. Nos romances, perceberemos que após a passagem pelo espaço prisional, Jean Valjean e Fabiano transformam-se em certa medida ao despertarem em si receio em relação à sociedade ou ao reforçarem sentimentos já existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço prisional; personagem; literatura comparada; *Os miseráveis*; *Vidas secas*.

RÉSUMÉ: Le personnage et l'espace sont des éléments essentiels dans la construction de récits et s'établissent ainsi comme options d'analyse pour des recherches qui visent à approfondir la construction des romans et de ses développements. Le présent article – extrait de la monographie intitulée *Fabiano et Jean Valjean : entre les espaces des vies misérables* (2024) – cherche à présenter une comparaison entre ces éléments – les personnages et les espaces – présents dans les romans *Les misérables* (1862), de Victor Hugo et *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Les personnages que nous prenons ici comme principaux – Jean Valjean, dans *Les misérables* et Fabiano, dans *Vidas secas* – se montrent comme Forster (1974) nous enseigne, « ronds » en présentant la richesse de la psychologie. De surcroît, les espaces que les deux personnages sont insérés leur sont essentiels; nous porterons notre attention sur l'espace carcéral que Jean Valjean et Fabiano traversent lorsqu'ils sont arrêtés - il s'agit de contextes différents qui peuvent cependant générer des conséquences similaires. Foucault (2009) réfléchit sur ce qu'il appelle les autres espaces - les hétérotopies. Dans ses réflexions, les prisons apparaissent; elles sont classées comme hétérotopies de déviation, c'est-à-dire qu'elles sont des lieux où ceux qui sont marginalisés par la société, ceux qui ne correspondent pas aux normes établies par elle, sont soumis. Dans les romans, nous verrons qu'après le passage par l'espace carcéral, Jean Valjean et Fabiano se transforment dans une certaine mesure en éveillant en eux la peur de la société ou en renforçant des sentiments déjà existants.

MOTS CLÉS: Espace carcéral; personnage; littérature comparée; *Les misérables*; *Vidas secas*.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 27 (Jul-Dez/2025)

Informações sobre os autores:

1 Graduando em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e formado em Letras Francês e Literaturas de Língua Francesa pela mesma instituição. Atualmente é professor tutor de língua francesa no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).

2 Doutorado em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara (2015) (Bolsa CAPES). E como complementação aos estudos de doutoramento, realizou um estágio de pesquisa na Université Sorbonne Nouvelle, Paris III, no ano de 2014, com bolsa PDSE, CAPES. Atualmente, é professora adjunto de Língua e Literatura Francesa no Instituto de Letras e Linguística da UFU.

 10.29281/rd.v13i27.17223

Fluxo de trabalho

Recebido: 29/11/2024

Aceito: 16/06/2025

Publicado: 25/09/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius

INTRODUÇÃO

Nos estudos literários, as reflexões sobre o ser humano, seus aspectos psicológicos e interações sociais são temas de numerosas obras, dentre elas, muitos clássicos; *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, são poderosos exemplos. Os clássicos literários são assim nomeados por se mostrarem atuais e inesgotáveis, tendo, todavia, sido extensivamente analisados e há muito publicados. Ítalo Calvino na obra *Por que ler os clássicos?* (1991), nos aponta razões para continuar a lê-los. Segundo Calvino, é importante retornarmos aos clássicos, visto que o contato com eles nos possibilita perceber que suas histórias fazem parte do que somos hoje num sentido universal, ou seja, são narrativas com enredos que de algum modo se fazem presentes no mundo (a injustiça, a traição, o amor, as lutas sociais, a marginalização, entre outros). Os clássicos não se encerram em uma época específica, mas se reinventam de tempos em tempos.

Entendemos que as obras de Hugo e Graciliano se encaixam nas definições de Calvino e atuam como fonte de inspiração para inúmeros trabalhos e adaptações, além de possibilitarem, ainda hoje, reflexões críticas acerca da sociedade nos séculos XIX e XX, de forma semelhante à qual foi possibilitada no período de suas publicações.

Em *Os miseráveis* e *Vidas secas*, inúmeros são os temas abordados. São obras atemporais - para o bem ou para o mal - e se fazem necessárias, como bem nos rememora Victor Hugo no famoso prefácio de *Os miseráveis*: “Enquanto, por efeito de leis e nos costumes, houver proscrição social forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos [...] livros como este não serão inúteis (Hauteville-House, 1862)¹ (Hugo, 2014, p. 37).” Tais obras demonstram que a arte - aqui, podemos dizer em todos os seus domínios - está intimamente ligada ao desejo de melhora, mudança e revolução, além de exercer papel fundamental na construção e representações de ideais e valores de uma nação em uma determinada época; no entanto, e paradoxalmente, a arte também é, por esses mesmos valores e ideais, afetada. Tal confluência entre a arte e, podemos dizer, o “espírito de uma determinada época”, reverbera no campo literário e nos lega obras como as de Hugo e de Ramos.

Elas relatam, a partir da miséria da humanidade e da injustiça, a necessidade do contrário, tendo esse anseio encarnado/desempenhado pelas personagens e perpassando os espaços pelos quais elas caminham. Neste sentido, pelo viés da literatura comparada, e

1 “ENQUANTO, por efeito de lei e costumes, houver proscrição social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância - não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como esse não serão inúteis.” (Hauteville-House, 1862) - (Hugo, 2014, p. 37)

tomando-a como ferramenta e não um fim, como nos ensina Tânia Carvalhal, buscaremos desenvolver uma análise voltada para as personagens principais dos romances, Jean Valjean, em *Os miseráveis*, e Fabiano, em *Vidas Secas*, bem como, para o espaço prisional presente nas obras e como ele exerce influência na construção dessas personagens.

E para que possamos melhor compreender os romances, faz-se necessário que conheçamos um pouco sobre seus autores. Victor Hugo (1802 – 1885) e Graciliano Ramos (1892 – 1953) são representantes do que chamamos hoje de literatura de cunho social. Ambos advêm de épocas que marcaram seus países. Ramos vivenciou a semana de arte moderna (1922) e a Revolução de 1930 no Brasil e, Hugo, na França, o período de candidatura política do príncipe Luís Napoleão. O primeiro, um dos grandiosos representantes do modernismo brasileiro, o segundo um dos maiores romancistas da França, apelidado em seu país como “o homem do século (XIX)”, *l’homme siècle*, em francês.

Hugo, nasceu na cidade de Besançon - França, no ano de 1802. Com vinte e nove anos viu *O corcunda de Notre-Dame* ser editado e, em maio de 1862, *Os miseráveis*, ser lançado. (Chauvin, 2014, p. 19) *Os miseráveis* pode ser considerada uma das mais importantes obras do Romantismo, visto que, mesmo hoje, é grande sua influência no campo literário, além da vasta quantidade de adaptações para o cinema ou teatro, por exemplo. Victor Hugo possui rica fortuna crítica entre ensaios, artigos, dissertações, teses, todos contribuindo para que ele próprio e suas obras sejam lembrados e aumentando, desta forma, sua longevidade.

Já do outro lado do mundo, em outro século e em terras menos frias, encontramos Graciliano Ramos. Este foi grandioso romancista, jornalista, crítico literário e político brasileiro do século XX, nasceu em Quebrangulo, cidade localizada no estado de Alagoas. Graciliano é autor de obras inestimáveis para a literatura brasileira e predominam dentre seus escritos *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), e aquele que é objeto de nossa análise, *Vidas Secas* (1938). Com Antonio Candido, aprendemos que Ramos foi um dos mais significativos escritores brasileiros. No prefácio de sua obra *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos* (1992), o crítico nos conta:

Quando Graciliano Ramos publicou *Infância* (1945) eu era crítico titular, como se dizia, do Diário de São Paulo. Naquela altura, ele já parecia destacar-se de maneira singular entre os chamados “romancistas do Nordeste”, que nos anos de 1930 tinham conquistado a opinião literária do país (Candido, 1992, p. 07).

Nos idos de 1937 e 1939 Graciliano Ramos exerceu veementemente a atividade de crítico literário. Apresentava críticas a textos extensos, cheios de adjetivos, repetições



e palavras. Embora em determinados momentos criticasse tal forma de escrita, percebe-se ao longo de diversas outras críticas que, apesar de preferir a concisão, nem sempre esse é o melhor caminho a ser adotado. Exercendo papel de escritor, Ramos criou romances considerados por vezes apenas como regionalistas, no entanto, e nos fazendo refletir sobre a escrita de Ramos, Otto Maria Carpeaux compara-o à um Balzac:

O nosso comum amigo Aurélio Buarque de Holanda chamou-me a atenção para a circunstância de representar cada uma das obras de Graciliano Ramos um tipo diferente de romance. Com efeito, *Caetés* é dum Anatole ou *Eça brasileiro*; *São Bernardo* é digno de um Balzac; *Angústia* tem algo de Marcel Jouhandeau, e *Vidas secas*, algo dos recentes contistas norte-americanos (*apud*. Candido, 1996, p. 111).

De tal forma que, falar sobre Graciliano Ramos, é falar sobre um mundo dentro de um homem, mundo que se revela em suas obras; e mesmo que ao falarmos sobre obras regionalistas, talvez pensemos tratar-se de obras encerradas em apenas um local, aprendemos com Benjamin Abdala Junior em *O romance social brasileiro* (1993) que, na verdade, escritores como Ramos

[...] redefiniram o romance regionalista tradicional, com uma linguagem artística atualizada. [...] Embora as histórias fossem ambientadas numa determinada região, poderiam ser extensivas ao conjunto do país. A visão crítica predominante nessas produções aponta para o caráter social representando problemas brasileiros e não problemas específicos de uma determinada região. Trata-se, portanto, de uma literatura que procura representar a realidade de forma realista, mas com um sentido crítico muito aguçado, visando transformá-la em suas estruturas sociais (Abdala Junior, 1993, p. 10-11).

E assim, podemos citar um último detalhe sobre Ramos que nos é apresentado por Carlos Méro, que nos conta um pouco sobre a personalidade do autor de *Vidas secas* ao apontar-nos o constante esforço de Graciliano em se “autodepreciar como intelectual e como escritor” (Méro, 2015, p. 59) o que não condizia de forma alguma com amplo conhecimento abarcado por ele.

[...] contrariamente ao que o escritor por alguma razão pretendia fazer crer, possuía, isso sim, um vasto saber literário, sendo certo que, além do conhecimento profundo das obras de autores brasileiros, entre estes compreendidos Aluísio de Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis e Euclides da Cunha, também frequentava, com larga assiduidade, aquelas de diversos autores portugueses, russos e franceses: [...] entre os franceses estariam

Balzac, Romain Rolland, Hugo, Taine, Stendhal, Corneille e Camus, destes últimos tendo Graciliano Ramos traduzido a tragicomédia *Le Cid* e o romance *A peste*, respectivamente (Méro, 2015, p. 60-61).

Nota-se na citação de Méro o nome Hugo, possivelmente fazendo referência a Victor Hugo e tornando provável, deste modo, a ideia de o que o autor de *Os miseráveis* tenha, em algum momento e medida, influenciado Ramos em suas obras.

À vista disso, faz-se explícita a importância de tais escritores cujo legado literário exerce influência sobre as sociedades francesa e brasileira – principalmente - ainda hoje. Ademais, o trabalho com obras como *Vidas secas* e *Os miseráveis* nos permite o contato direto com uma das grandes funções da literatura: a denúncia das mazelas sociais, o que nos favorece no desenvolver de um olhar crítico quanto aos sistemas sociais nos quais estamos inseridos.

Outrossim, para nos auxiliar no campo teórico da análise das personagens e do espaço, recorreremos a Antonio Candido (1918-2017), a Edward Morgan Forster (1879-1970) e a Michel Foucault (1926-1984). Candido, em diversas obras, aborda a importância da personagem e oferece-nos diversos caminhos para analisá-las; no texto *A personagem do romance* (2014), ele nos indica:

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; na vida que vivem, nos problemas em que enredam, na linha de seu destino - traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (Candido, 2014, p. 53).

Percebemos que a personagem se dá como um ser em movimento que permite a existência do enredo e nele vive. Juntos conseguem expressar as “vontades” de um determinado romance “a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (Candido, 2014, p. 54).”

Forster contribuirá com sua teoria sobre as personagens redondas e planas e, Michel Foucault, que aborda em algumas obras os espaços e seus desdobramentos, nos auxiliará nesse domínio. Em sua conferência intitulada *Outros espaços*, ocorrida em 14 de março de 1967, Foucault nos aponta que “a nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso (Foucault, 1967, p. 78).” O espaço se dá como fonte de reflexão sobre o lugar das coisas e dos seres e nossa relação com elas e eles, os deslocamentos, as disposições.

Assim, por meio de tais teorias, analisaremos as obras *Os miseráveis* e *Vidas secas* como veremos a seguir.

1 FABIANO E JEAN VALJEAN – UMA COMPARAÇÃO

Fabiano e Jean Valjean são duas personagens que permeiam o imaginário coletivo quando falamos sobre miséria e questões sociais alicerçadas pela literatura. Ao tratarmos dessas personagens, os inúmeros caminhos que se apresentam como potencialidades de pesquisa entre as obras de Graciliano Ramos e Victor Hugo, expandem-se.

A trajetória de Fabiano se distingue, em determinados aspectos, daquela de Jean Valjean, principalmente por tratar-se da representação de dois períodos históricos e geográficos díspares que, no entanto, revelam, em suas diferenças, sutis semelhanças que são perceptíveis nas reações das personagens. Fabiano e Jean Valjean são confrontados por circunstâncias que lhes são impostas e que perpassam fatores ambientais, sociais ou políticos; tais fatores, são o plano de fundo que nos permitem enxergar a ambivalência presente nos sentimentos das personagens, em outras palavras, a oscilação entre a esperança e desesperança.

A esperança é fundamental e exposta abertamente na obra *Os miseráveis* enquanto muito tênue em *Vidas secas*; nessas obras, muitas vezes, as personagens sonham acordadas e acordam em pesadelos.

Nosso primeiro contato com Fabiano e Jean Valjean é, desde já, revelador. Fabiano, junto a sua família de retirantes, vaga pelas planícies avermelhadas do sertão nordestino; o filho mais velho, após muito andar, senta-se no chão pela força do cansaço e o pai, sombrio e cambaio, tem seu sentimento revelado de forma seca e direta, deseja matar o menino. Este sentimento de raiva em Fabiano é provavelmente advindo do cansaço, uma vez que, em linhas adiante, surge o oposto, um sentimento de misericórdia e o pai carrega o filho.

Quem também caminhava, quase sem rumo, ao nos ser apresentado, é Jean Valjean, que chega à cidade de Digne descrito como um homem ainda na flor da idade, aparentando entre quarenta e seis ou quarenta e oito anos e, no entanto, “seria difícil encontrar alguém com aspecto mais miserável” (Hugo, 2014, p. 99), usava roupas já bastante desgastadas e encontrava-se muito abatido pela viagem a pé, com o suor, o calor e poeira, acrescentando algo de lúgubre à situação.

Jean Valjean, ao entrar na cidade, é visto algumas vezes bebendo água dos chafarizes, “devia estar com muita sede” (Hugo, 2014, p. 100), assim como Fabiano em *Vidas secas*, que, estando em uma fazenda sem vida, ao encontrar no bebedouro dos

animais um pouco de lama, cavou com as unhas a areia, esperou a água marejar e, quando isso aconteceu, bebeu muito.

Ambos vagavam com sede e desamparados, rodeados por uma atmosfera de abandono, solidão e desesperança, sentimentos e sensações que permeiam a apresentação - mas, não só - dessas personagens. Em *Vidas secas*, os retirantes

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava o abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido (Ramos, 2018, p. 32-33).

Já em *Os miseráveis*, enquanto Jean Valjean passava pela cidade com fome e frio, via todas as estalagens fecharem-lhe as portas - embora dissesse que pagaria o que fosse cobrado; além disso, os habitantes da cidade fugiam dele, rechaçavam-no e até mesmo atiravam-lhe pedras; entretanto, o homem continuava suas tentativas de encontrar abrigo. Passou em frente à cadeia, não foi recebido e o porteiro disse: “A cadeia não é albergue. Faça-se prender, e o receberemos” (Hugo, 2014, p. 105). Assim, após muito vagar, ao chegar à casa de Monsieur Bienvenu, o bispo da cidade, o ex-prisioneiro diz:

- Bem, meu nome é Jean Valjean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia. Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier, que é meu destino. Quatro dias de Toulon. Hoje andei doze léguas a pé. No fim da tarde, chegando a este lugar, fui a uma hospedagem, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura. Era preciso. Fui a outra pousada; disseram-me: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para o outro, sem que ninguém queira acolher-me. [...] Entrei numa casinha de cachorro; o cão me mordeu e expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era (Hugo, 2014, p. 114)!

Nos trechos acima, abrem-se perspectivas de interpretação sobre o abandono, o sentimento de solidão e a impotência ante as situações acontecidas: no primeiro trecho, em *Vidas secas*, o sentimento de solidão e o de abandono, em seus múltiplos sentidos – ao deixar o sertão, no desamparo às pessoas, na desistência -, aparecem como uma consequência da seca e, apesar de serem fatídicos e esperados dada a situação exposta - em que as personagens que ali habitavam migravam para outras regiões em busca de melhores condições de vida -, não são, de forma alguma, benéficos. Entendemos que ao se referir que *tudo* ali anunciava o abandono, o *tudo* não se refere apenas à fazenda, o espaço físico, mas sim, ao *todo*, em uma tentativa de denunciar o abandono por parte de



algo maior que afeta diretamente a vida das personagens e que também se faz presente na obra de Hugo.

Em *Os miseráveis*, podemos entender que havia medo e insegurança da população, por estar em contato com um homem considerado perigoso que, entretanto, queria apenas um local para comer e dormir, assegurando que pagaria o que fosse necessário; todavia, não foi acolhido nem sequer na cadeia, o que nos possibilita uma interpretação do abandono como uma escolha da população ou das autoridades da cidade, em função do estigma de Jean Valjean como ex-condenado das galés. Nota-se que Jean Valjean procura um lugar na cadeia, o que enfatiza sua condição de miserável e desamparado, pois, sendo um ex-prisioneiro das galés, o último local em que ele poderia imaginar passar uma noite, seria na cadeia. Aqui, há a possibilidade de que Victor Hugo, a partir de tal situação, quisesse reforçar a condição desumana de Jean Valjean. Ademais, ao ser obrigado a mostrar o passaporte amarelo, Jean Valjean se vê preso a um estigma que poderia impedi-lo para sempre de ressocializar-se e posicionar-se na sociedade.

Percebemos que o algo maior presente em ambas as obras, ilustrado como o passaporte amarelo e a fazenda abandonada, e que ganha complexidade com a descrição das personagens, é a falta do que hoje chamamos de Estado.

As personagens, ao atravessarem situações que lhes fogem ao controle, nos demonstram, por implicância, que aqueles que poderiam amenizar as consequências da seca e do estigma dos ex-prisioneiros das galés - e de inúmeros outros problemas denunciados ao longo de ambas as obras, pouco ou nada faziam, o que contribuiu para a perpetuação e agravamento das condições em que as personagens se encontravam.

Além disso, o que enfatiza ainda mais as problemáticas levantadas pelos romances são os aspectos psicológicos das personagens, que por sua vez, são desde o início e aos poucos, apresentados; o que nos leva a observar o possível caráter redondo das personagens Fabiano e Jean Valjean. Elas nos surpreendem em suas divagações ou em seu silêncio. Sobre as personagens redondas, Forster (1974) aponta que são, a partir das personagens planas, definidas por implicação, entretanto, podemos recorrer a Antonio Candido, que nos indica que as personagens redondas se caracterizam por terem essencialmente três dimensões, “de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender (Candido, 2014, p. 63).” Quanto à capacidade de nos surpreender, Forster complementa:

O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana pretendendo ser redonda. Possui a incalculabilidade da vida – a vida dentro das páginas de um livro. E usando essa personagem, às vezes só e, mais frequentemente, em combinação com a outra espécie, o romancista realiza sua

tarefa de aclimatização e harmoniza a raça humana com os aspectos de sua obra (Forster, 1974, p. 61-62).

Neste sentido, se fazem as personagens redondas que não se apresentam completamente de imediato; suas características se ampliam ao longo do romance, além de despertarem a curiosidade do leitor, o que acontece com as personagens aqui analisadas.

Jean Valjean é uma personagem complexa, a cada aparição revela-se um novo sentimento ou questionamento. No momento em que foi preciso lidar com o julgamento de Champmathieu - que fora confundido pelos policiais como Jean Valjean, além de acusado de ser um ex-condenado das galés reincidente - o verdadeiro Jean Valjean reflete e dá lugar a uma ambivalência de sentimentos. Valjean hesita entre deixar Champmathieu ser entregue às peripécias do destino ou ir ao seu julgamento e revelar-se o verdadeiro Jean Valjean; no entanto, perderia tudo que havia conquistado como M. Madeleine, e não poderia ajudar Cosette e Fantine; mas, se não agisse quanto a tal situação sua própria consciência jamais o perdoaria. Assim, o leitor percebe as idas e vindas de reflexões comuns dos seres humanos frente aos seus próprios questionamentos. Não sem motivos, o título do capítulo em que se expõe tais reflexões é *Uma tempestade sob um crânio* (Hugo, 2014, p. 262).

Ademais, Candido nos ensina que as personagens exprimem, ligadas ao enredo, os valores e os significados que motivam o romance e seu desenrolar. As empreitadas de Jean Valjean demonstram isso muito bem, já que, a partir delas, vemos a denúncia da ineficácia do sistema penal em vigor na época, além da constante busca por uma vida mais digna e justa; a constante esperança. Por sua vez, Jean Valjean continua sua busca e naufragando em seus pensamentos, entra no quarto e coloca-se a refletir:

[...] apagada a luz, julgou-se invisível. Tornou-se então senhor de si, colocou os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça nas mãos e, no escuro, pôs-se a pensar:

- Onde estou? Será que não estou sonhando? O que foi que me disseram? É mesmo verdade que vi esse Javert, e que me falou daquele modo? Quem será esse Champmathieu? Parece mesmo comigo? É possível? Quando penso que ainda ontem estava tão tranquilo e tão longe de duvidar das coisas. O que eu fazia ontem a essa hora? O que há nesse incidente? Que desenlace terá? O que fazer? (Hugo, 2014, p. 265)

Os diálogos mentais ou monólogos das personagens em Hugo são ricos em questionamentos e conduzem o leitor a uma visão ampla do que a personagem sente sobre cada situação; guia o leitor na criação de contrapontos entre as personagens. A construção

dos diálogos e divagações e as ideias neles transmitidas nos demonstram, mais uma vez, a complexidade das personagens de Hugo e aqui, principalmente, de Jean Valjean.

E do outro lado do mundo - em 1938 - e mesmo com o linguajar minguado, Fabiano também muito se questiona em *Vidas secas*, o que o transforma em uma personagem ainda mais complexa. O sertanejo é confrontado por uma força que está acima dele e também foge ao seu controle, como acontece com Jean Valjean. Entretanto, ao contrário de Jean Valjean, Fabiano tem um círculo maior de pessoas ao seu redor: dois filhos sem nome, Sinhá Vitória, sua esposa, e a cachorra Baleia que, por vezes, parecia apresentar mais sentimentos que outros membros da família. O sertanejo cambaio, de coração grosso, que tinha o espírito atribulado, eventualmente, caía “[...] de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros - e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano (Ramos, 2018, p. 36).”

Ao notar que a chuva era provável, a esperança surge em Fabiano e ele se lembra de seu Tomás, que já havia fugido da seca. O sertanejo se compara com a bolandeira daquele senhor. Tal comparação nos rememora a definição de Benjamin Abdala Junior sobre as personagens do romance de Ramos, “temos personagens que giram em círculo, procurando a subsistência (Abdala Junior, 1993, p. 54).”

Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animaram a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. [...] Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (Ramos, 2018, p. 37-38)

Ao passo que Fabiano tinha a esperança da “ressurreição” por meio da chuva, as lembranças do passado voltavam de tempos em tempos; o sertanejo refletia sobre como tinha chegado até ali, como organizou-se, como a família chegou à fazenda abandonada comendo apenas raízes e como começaram a cuidar daquele lugar. Havia se habituado àquele local escuro “pareciam ratos (Ramos, 2018, p.44).” Graciliano Ramos, consegue em um parágrafo, apresentar os nós da vida de Fabiano, a opressão, a classe social, a falta de escolaridade, o sentimento de inferioridade, a “brutalização”, a desumanização e a marginalização, e nota-se que alguns desses nós são semelhantes também aos de Jean Valjean.

Ao fazê-lo, de forma alguma Graciliano diminui a complexidade da personagem; ao longo da narrativa, os nós se (des)entrelaçam e nos mostram uma personagem fragmentada e capaz de surpreender. Cabe aqui um pequeno parêntese sobre as antíteses e

animalização presentes nas obras, ambos autores fazem, ora e outra, o uso de comparações entre, a título de exemplo, a luz e a sombra, o animal irracional e os seres humanos.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando.

- Você é um bicho, Fabiano. (Ramos, 2018, p. 45)

Comparando-se com um bicho, Fabiano brutaliza-se. O contato com os “brancos” lhe fazia acreditar que era menor, que era apenas um “cabra” qualquer. Ramos denuncia aqui a marginalização daqueles vistos como menos merecedores de um espaço na sociedade, por diversos motivos, seja por não terem tido acesso à escolaridade - o que muitas vezes acontece pela força das condições externas - ou por terem sido presos, como Jean Valjean - por roubar um pão para alimentar uma família inteira e sofrer com uma pena incompatível com o crime. Essa denúncia cabe a todos que são de alguma forma desumanizados e marginalizados pela estrutura social em que estamos inseridos e que gira como a bolandeira de seu Tomás e nos prende a um ciclo infinito de injustiças, condenações e a consequente perda da nossa própria humanidade, situações que ainda se apresentam na contemporaneidade.

Percebemos duas personagens ricas em características e muito bem desenvolvidas ao longo das narrativas. Os diálogos, sucintos ou detalhados, corroboram a confirmação da existência da ambivalência de sentimentos quanto às outras personagens e ao espaço que lhes circundava. Espaços estes que são igualmente ricos e fazem com que algumas transformações pelas quais as personagens passam, tenham momentos de destaque. Vinculados a esses determinados espaços, a prisão ganha notoriedade.

As transformadoras jornadas de Fabiano e Jean Valjean revelam algo profundo sobre a constituição social em que estivemos e estamos imersos, os miseráveis aos olhos da sociedade são dignos de desdém e desprezo, marginalizados e oprimidos. Sem condições de sair desse lugar, as personagens são, diversas vezes, obrigadas a viver infinitas mudanças sejam geográficas, como a família de Fabiano, ou identitárias, como as de Jean Valjean. A marginalização leva a um caminho sem esperanças e, ao analisarmos os romances, fica evidente que após atravessarem o espaço da cadeia - em *Vidas secas* - e o das galés - em *Os miseráveis* - a falta de esperança se acentua e a “estadia” nesses espaços



gera consequências que poderiam ser irremediáveis, não fosse a natureza bondosa das personagens somadas às reviravoltas do destino.

Jean Valjean e o estigma de ex-prisioneiro e a constante obrigação de apresentar o passaporte amarelo onde quer que fosse ou o medo que Fabiano sente ao ir à cidade após ter sido preso, são consequências da passagem pelo espaço prisional, o qual podemos classificar como heterotópico, como veremos a seguir.

2 O ESPAÇO HETEROTÓPICO DA PRISÃO E A JORNADA DE FABIANO E JEAN VALJEAN

Na conferência *Outros espaços* (1967), presente na coletânea de textos *Ditos e Escritos III* (2009), Foucault detalha o conceito de heterotopia; inicia considerando a nossa época como aquela dos espaços, como vimos, em seguida contrapõe as heterotopias às utopias.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos [...] (Foucault, 2009, p. 415).

Foucault complementa e nos aponta que tais lugares estão “fora de todos os lugares”, mesmo que possamos visualizá-los em suas posições geográficas. “Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2009, p. 415).”

Assim, o filósofo pretende - e o faz - descrever sistematicamente esses “espaços diferentes” ou “lugares-outros”, denominando esta descrição de heterotopologia, além de nos advertir que todas as culturas no mundo criam suas próprias heterotopias e que essas assumem formas distintas e diversificadas, de maneira que, não seria possível encontrar no mundo uma forma universal de heterotopia. Ater-nos-emos ao que Foucault chama de “heterotopias de desvio”, essas referem-se aos locais em que se localizam os indivíduos “[...] cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas; são, bem entendido também, as prisões (Foucault, 2009, p. 416).” Tendo isto em mente, perceberemos que a prisão pode se configurar como um

espaço que nas personagens e em ambas as obras aqui analisadas, provoque a acentuação de uma ambivalência de sentimentos em relação à sociedade.

Jean Valjean, ao encontrar-se desempregado e faminto, rouba um pão para alimentar-se e à família de sua irmã, a qual tinha sete filhos. Por este ato, é preso e condenado a uma pena desproporcional ao delito, que vai aumentando conforme às conseqüentes tentativas de fuga. Sobre o tratamento nas galés, Jean Valjean diz:

- Oh! A vestimenta vermelha, os pesos no pé, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenados, as pancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente, as correntes. Os cães, eles são mais felizes! Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo! É isso. (Hugo, 2014, p. 117)

Em *Vidas secas*, no capítulo *Cadeia*, é explicado o que ocorre com Fabiano. O sertanejo se desentendeu com o soldado Amarelo após a autoridade insistir que Fabiano jogasse uma partida de cartas. O soldado provocou Fabiano que revidou com um xingamento e, assim, o soldado o prendeu. Passou uma noite na cadeia e esta foi o suficiente para que, de tempos em tempos, Fabiano lembrasse da surra que recebeu e se amedrontasse. A partir de então, notamos no sertanejo, principalmente no capítulo *Festa*, a revelação ou o afloramento do medo de estar entre as pessoas; ser preso novamente, embora não houvesse motivo algum.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. [...] Lembrou-se da surra que levava na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjuguá-lo, espremê-lo num canto de parede. Olhou as caras ao redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite. (Ramos, 2018, p. 145-146)

Após ser preso, Fabiano passa a sentir-se encurralado ao ir à cidade, teme acontecer algo ruim e ser levado à cadeia novamente, além disso, começa a enxergar todos como inimigos, já que “todos lhe davam prejuízo (Ramos, 2018, p. 148).” Outro aspecto a ser notado é o sentimento de inferioridade exposto também no capítulo *Festa*, quando nos é dito que Fabiano se comparava com os “tipos da cidade” e reconhecia-se como inferior. Podemos nos lembrar assim, de Jean Valjean e sua busca de abrigo na cidade onde ninguém o acolheu; ademais, pode-se encontrar ao longo da narrativa diversos momentos em que Hugo descreve o estado de Jean Valjean ao sair da prisão. “[...] Jean Valjean entrou para

as galés soluçante e trêmulo; saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio (Hugo, 2014, p. 127).” Ou ainda,

[...] Jean Valjean, o inofensivo podador de Faverolles, o temível condenado de Toulon, tornara-se capaz, graças à maneira como a prisão o moldara, de duas espécies de más ações: primeiro, de uma má ação rápida, irrefletida, plena de perturbação, inteiramente instintiva, como uma represália pelo mal sofrido; segundo, de uma má ação grave, séria, debatida em consciência e meditada com as falsas ideias que podem vir de tal infortúnio. (Hugo, 2014, p. 133)

O podador de Faverolles, após ser preso, sucumbe a uma mudança drástica. O homem bom torna-se rude. Após o espaço da galés/cadeia atravessar a vida de Jean Valjean e Fabiano, ambos se veem mais preocupados, temerosos, desconfiados e tristes. A partir dessa reflexão, nota-se o espaço prisional como um produtor de seres humanos destinados à margem social em diversas esferas, à não ressocialização e ao abandono social. Um espaço que inicialmente deveria ser para a sociedade uma ferramenta para retomada da esperança, se enfraquece ao não cumprir com seu papel.

As heterotopias, como dito, são locais que se opõe às utopias, às normas sociais e desenvolvem características peculiares, como é o caso das prisões que, na busca por “forjar” seres humanos capazes de se ressocializar criam, inúmeras vezes, seres humanos destinados à marginalização. Observa-se atualmente que,

As prisões, uma invenção da modernidade, como um espaço nomeadamente disciplinar, têm se mostrado convenientemente inadequadas tanto em princípios que fundamentam sua criação quanto aos métodos disciplinares utilizados. O universo prisional escapa não apenas a percepção [i.e. à percepção] e controle humanos, mas também aos instrumentos que se construíram para seu aprimoramento. Apesar de extremamente engenhosas em suas arquiteturas, tem sua genialidade surpreendida quando descobre a fuga de um infrator que saiu pela porta da frente e certamente será mais um reincidente. (Ribeiro, 2011, p. 38)

As prisões são espaços que segregam, que reforçam a dicotomia entre o bem e o mal ou, entre o que é certo e o que é errado; e à primeira vista, isso é, idealmente, o que dá sentido à existência de tal local; no entanto, as prisões fazem-no, majoritariamente, de forma negativa, por inúmeros fatores. Antes, vimos com Hugo e Ramos que os condenados, por vezes, acabavam na cadeia por razões infundadas, armadas ou devido à pobreza extrema, por exemplo, e sofriam com penas incabíveis aos delitos. Atualmente, a precariedade do sistema penitenciário e sua sobrecarga são duas grandes causas da

contínua marginalização e geram consequências, sobretudo negativas e impiedosas, para quem entra e principalmente para quem sai das prisões.

Observamos, entretanto, que não é possível generalizar, pois aqui, faz-se necessário um estudo aprofundado entre as camadas e recortes de cada realidade e, no exemplo acima, tomamos o Brasil como referência, por ser o país ao qual nós temos mais contato neste momento.

Nos romances aqui analisados, as prisões aparecem de formas distintas e nos possibilitam comparação entre elas e entre o sistema penitenciário atual no Brasil, nos levando a reflexões sobre o quanto, ou se, evoluímos desde a publicação de *Os miseráveis* (1862), seguida pela de *Vidas secas* (1938). Evolução num sentido social e político.

Na obra *Vidas secas*, ao entendermos o contexto vivido pelo autor e sabendo que Ramos já havia sido preso sob acusação de ser comunista - antes de, de fato, filiar-se ao Partido Comunista do Brasil -, percebemos um governo abusivo e distante, além de uma prisão com seres marginalizados, seres estes que também figuram em *Os miseráveis*.

- Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

- Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

- Hum! hum! (Ramos, 2018, p. 65-66)

Sobre os companheiros de prisão de Fabiano, acrescenta-se:

[...] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, os bêbados, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer. (Ramos, 2018, p. 74)

Nos trechos acima, desponta a visão de uma cadeia repleta de personagens específicas, uma “rapariga da vida”, bêbados e Fabiano, um sertanejo que não sabe se comunicar e que, portanto, não pode se defender. A heterotopia de desvio, se faz, mais uma vez, nestes locais em que aqueles que não cumprem com as normas sociais são



colocados, em outras palavras, aqueles que fogem àquilo que é visto como “aceitável”, são destinados. A cadeia e as galés se encaixam no conceito cunhado por Foucault; os condenados, exemplo de pessoas que transgridem as normas sociais, e isso se dá por inúmeras causas, ao serem enviados para locais como as prisões, passam a cumprir com os ritos necessários desses locais, tais como usar as mesmas vestimentas ou ter os mesmos horários para comer, provocando assim um distanciamento do mundo “real” e os marginalizando frente à sociedade – provocando em certa medida uma alienação social – leva o indivíduo à crer que não faz parte da sociedade.

Entendemos que os indivíduos “pertencentes” a locais como as prisões confrontam situações diversas e, por vezes, desumanas, já que se pretende “pôr o homem no campo da norma, isto é, fazer reinar a ordem (Batista, 2020, p. 02)”, o que, na prática, pode se manifestar de inúmeros modos e nem todos – talvez a minoria – humanamente dignos.

Fabiano confronta a cadeia e Jean Valjean, as galés. Enfrentam dois modos distintos de condenação, principalmente em razão das épocas de escrita dos romances; no entanto, ambas personagens sofrem com o abuso e a opressão das autoridades, como o soldado Amarelo e o agente de polícia Javert. O soldado Amarelo é a autoridade que provoca e coloca-se no direito de prender Fabiano após esse, não sem motivo, xingar-lhe a mãe; Jean Valjean vê no roubo de um pão, a única maneira de sobreviver e alimentar a família de sua irmã. Assim, percebemos dois recortes que, ao tratarmos de um assunto tão profundo quanto a condenação e a ressocialização de um indivíduo, não se aplicam à totalidade e imensidão das sociedades presentes no mundo, mesmo porque, como aponta Foucault, uma mesma heterotopia pode ganhar significados próprios e ser confrontada de diferentes maneiras em cada sociedade.

No entanto, e sem dúvidas, os exemplos presentes nas obras *Os miseráveis* e *Vidas secas* nos ajudam a compreender um pouco melhor a relação do ex-prisioneiro com a sociedade e o estigma a ele atribuído e a relação daqueles marginalizados frente à um sistema social capaz de oprimir e condenar infundadamente alguém em situação vulnerável; além de, analisar como o espaço prisional pode influenciar na construção da identidade e, a refletir sobre problemas sociais que nos circundam ainda hoje, como o abuso de autoridade e as relações entre os crimes e as penas a estes cabíveis.

Vimos, portanto, que o espaço da cadeia/galés se configura como um fator decisivo na construção das personagens, além de explicitar e ampliar para o leitor o mundo psicológico de Fabiano e Jean Valjean. As ações e reações advindas do contato com esse espaço acentuam o sentimento de raiva e indignação, conseguindo, simultaneamente, não diminuir a esperança, ou mesmo, certa pureza das personagens em acreditar em um mundo melhor, sem perseguições ou secas.

Nota-se a complexidade dos temas levantados pelos autores em épocas distintas, mas, que ainda hoje são usados para reflexões sobre a sociedade; tais reflexões apontam para, como supracitado, a importância das obras *Os miseráveis* e *Vidas secas*, romances que se fazem atemporais justamente por essa capacidade de ao serem relidos e reinterpretados em uma época distinta da qual foram escritos, abordarem temáticas ainda vistas em nosso entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas pelo viés da literatura comparada nos permitem considerar diferentes momentos históricos e territórios na busca por novas interpretações e percepções das obras literárias. Buscamos ilustrar esta perspectiva em nossa análise das personagens principais e o espaço prisional presentes nas obras *Vidas secas* e *Os miseráveis*, e ao fazê-lo, notamos o quão mais fortes tornam-se as problemáticas levantadas por esses romances.

Estas mesmas problemáticas são impulsionadas por personagens muito bem desenvolvidas e complexas; representações distintas de diferentes momentos históricos e espaços geográficos, que, entretanto, são próximas e semelhantes em objetivo: denunciar as mazelas do sistema social o qual já estivemos ou fizemos parte ou que ainda estamos inseridos. Dizemos “ainda estamos”, pois de fato a fome, a falta de escolaridade, a penúria do sistema penitenciário, os abusos de autoridade, e diversas outras adversidades vivenciadas por Jean Valjean e Fabiano - infelizmente e persistentemente - se fazem presentes no cotidiano de inúmeras famílias ainda hoje, século XXI.

Desse modo, vislumbramos a potencialidade da literatura como uma ferramenta política, histórica e social na qual se encontra o poder de despertar o espírito crítico e ampliar os horizontes de interpretação e conhecimento sobre os lugares em que estamos inseridos e como chegamos a eles.

Seja o sertão nordestino, a França do século XIX ou em qualquer outro lugar em que pulse a vida e seus reveses, a literatura estará lá como uma forma de guardar a memória e levá-la para as próximas gerações, quando necessário denunciar e sempre, nos inspirar.

Concluimos levantando a possibilidade de continuação da pesquisa em trabalhos posteriores, vislumbrando um aprofundamento nos espaços presentes em ambas as obras e também nas demais personagens, as crianças, as mulheres, as figuras de autoridade e mesmo os coletivos (em suas individualidades e propósitos) como a família Thénardier e, assim, continuar com o objetivo proposto de estabelecer conexões entre as obras de Graciliano Ramos e Victor Hugo.



REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **O romance social brasileiro**. 1ª. edição. São Paulo: Editora Scipione Ltda. 1993.

BATISTA, Fabio. Foucault e as heterotopias: espaço, poder-saber. **Griot : Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–16, 2020. DOI: 10.31977/grirfi.v20i2.1503. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/1503>. Acesso em: 26 de novembro de 2024.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?**. Tradução de Nilson Moulin. 1ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CANDIDO, Antonio. [et. al.] **A personagem de ficção**. 13ª. edição. São Paulo: Perspectiva. 2014. Coleção Debates; 1 / dirigida por J. Guinsburg.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992.

CANDIDO, Antonio. **Graciliano Ramos por Antônio Candido**. 4ª. edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Agir. 1996. Nossos clássicos; nº 53.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4ª. edição revisada e ampliada. São Paulo: Ática. 2006. Princípios; nº 58.

CHAUVIN, Jean Pierre. A pena de Victor Hugo em Os Miseráveis: romance historiográfico e reparação social. In: HUGO, Victor. **Os miseráveis**: texto integral. Tradução: Regina Célia de Oliveira. Edição especial. São Paulo: Martin Claret, p. 19-33. 2014.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Supervisão e apresentação de Dionísio de Oliveira Toledo. Tradução de Maria Helena Martins. 2ª. edição revisada. Porto Alegre: Editora Globo. 1974.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2ª edição. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009. Ditos e escritos, III.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**: texto integral. Tradução: Regina Célia de Oliveira. Edição especial. São Paulo: Martin Claret. 2014.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Victor Hugo d'après Alexandre Dumas. **LETTRES FRANÇAISES (UNESP ARARAQUARA)**, v. 2, n. 11, p. 125-156. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/4450>. Acesso: 26 de novembro de 2024.

MÉRO, Carlos. **Graciliano Ramos**: Un Monde de Peines. Edition bilingue: Français-Portugais. Lille: Collection Arabesque. 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Edição comemorativa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record. 2018.

RIBEIRO, Nilva Ferreira. A prisão na perspectiva de Michel Foucault. In: Lourenço, Arlindo da Silva; Onofre, Elenice Maria Cammarosano, eds. **O espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas [online]**. São Carlos: EdUFSCar. 2011. p. 35-47. ISBN: 978-85-7600-296-3. <https://doi.org/10.7476/9788576002963.0003>. Disponível em: lourengo-9788576002963-03.pdf (scielo.org). Acesso: 26 de novembro de 2024.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 206–220, 2007. DOI: 10.17851/2317-2096.15.1.206-220. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18135>. Acesso em: 26 de novembro de 2024.

VARGAS LLOSA, Mario. **A tentação do Impossível**: Victor Hugo e Os miseráveis. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Objetiva. 2012.